



UÁQUIRI

Revista do Programa de Pós-Graduação em Geografia
UÁQUIRI - PPGGEO, v. 03, n. 02, p. 64-77, ano 2021

Home page: <http://revistas.ufac.br/revista/index.php/SciNat>



ISSN: 2675-4088

A GEOGRAFIA E A CRISE PARADIGMÁTICA: APONTAMENTOS E CONTRIBUIÇÕES

Esp. Francisca da Silva Reis^{1*}, Bac. Juliana Santos de Souza Cunha^{1*}, Esp. Ravela de Souza Marinho^{1*}

<https://orcid.org/0000-0002-8627-6045>; <https://orcid.org/0000-0002-6980-3114>;
<https://orcid.org/0000-0002-1616-884X>

¹Mestrandas da Universidade Federal do Acre, Programa de Pós-graduação em Geografia, Rio Branco, Acre, Brasil.

*silvia_reis5@hotmail.com

Recebido em: 13/09/2021 Aceito em 26/11/2021 Publicado em: 20/12/2021

DOI: <https://doi.org/10.29327/268458.3.2-4>

RESUMO

O presente artigo busca evidenciar alguns motivos sobre a crise paradigmática da Geografia, e explicar as causas e seus principais problemas para a ciência geográfica em explicar o seu objeto de estudo a partir de outras ciências, essa reflexão é baseada em alguns autores que fazem uma discussão sobre o assunto. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo analítico tendo em vista a fundamentação teórica e metodológica para aquisição de informações e interpretações do tema.

Palavras-chave: Crise paradigmática; Geografia; Ciência geográfica.

GEOGRAPHY AND THE PARADIGMATIC CRISIS: APPOINTMENTS AND CONTRIBUTIONS

ABSTRACT

This article seeks to highlight some reasons about the paradigmatic crisis in Geography, and to explain the causes and their main problems for geographic science, this discourse is based on some authors who make a discourse on the subject. This is bibliographic research of an analytical descriptive character, in view of the theoretical and methodological basis for the acquisition of information and interpretations of the theme.

Keywords: Paradigmatic crisis; Geography; Geographic science.

GEOGRAFÍA Y CRISIS PARADIGMÁTICA: NOTAS Y CONTRIBUCIONES

RESUMEN

Este artículo busca resaltar algunas de las causas de la crisis paradigmática en Geografía, y explicar las causas y sus principales problemas para la ciencia geográfica, esta reflexión se basa en algunos autores que discuten el tema. Se trata de una investigación bibliográfica de carácter analítico descriptivo, en vista del fundamento teórico y metodológico para la adquisición de información e interpretaciones del tema.

Palabras clave: Crisis paradigmática; Geografía; Ciencia geográfica.

1. INTRODUÇÃO

Sabemos que a ciência geográfica ao longo do seu desenvolvimento passou por muitas mudanças no seu paradigma, o que resultou na construção do pensamento geográfico. Visto que, não se tem definida questões do ponto de vista do seu objeto e método. Ainda hoje observamos discussões sobre a construção do pensamento geográfico, muitos trabalhos discutem a razão de como a geografia se situa na sociedade. Porém poucos abordam as causas que sucedem essa questão.

Para Andrade (1987), as ciências sociais, possuem dificuldades em definir seu objeto de estudo, visto que ela possui como campo de atuação a sociedade e as interações junto ao meio em que vive, diante disso, podemos verificar que a Geografia, não foge à regra, pois utilizam várias outras ciências para explicar o seu objeto, o que pode ser caracterizado como um dos problemas que a Geografia enfrenta na definição do seu objeto de estudo, gerando consequentemente sua crise paradigmática.

Ou seja, a Geografia utiliza-se da biologia, sociologia, filosofia, geologia, economia, entre outras para explicar o seu objeto de estudo que é o homem em interação com o meio.

Ainda segundo o autor citado, ele levanta outra hipótese a respeito da crise paradigma das ciências humanas, que está no fato, dessas em especial a Geografia, precisar dos conhecimentos das outras ciências para explicar o seu objeto, portanto a sua crise não está apenas na questão do método, mais também na definição do seu objeto de estudo. Durante o estudo, ficará esclarecido os reais motivos da crise paradigmática da geografia.

O objetivo desse artigo é trazer abordagens que irão apontar os motivos da crise paradigmática que permeia a geografia e refletir a luz de alguns autores as causas dessa crise.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Durante muitos anos, a Geografia é questionada sobre o seu objeto de estudo e seu papel na sociedade, onde muitos geógrafos se sentem desconfortáveis em debater tal assunto.

Por esse motivo, essa investigação é baseada nesses questionamentos, e em tentar encontrar a resposta para essas indagações. Definido o objetivo de investigação, inicia-se a pesquisa em diferentes referências sobre o assunto, encontra-se poucos autores que abordam sobre essa temática, e principalmente sobre a resposta da investigação, que está relacionada com a crise paradigmática da Geografia.

No entendimento dos autores a crise nada mais é do que parâmetros anteriores discutidos na Geografia, mas que na pós-modernidade essa encontra dificuldades em explicar, pois esbarra em barreiras relacionadas muito além do pensamento geográfico.

Este estudo trata-se de uma pesquisa bibliográfica de caráter descritivo analítico tendo em vista a fundamentação teórica e metodológica para aquisição de informações e interpretações sobre o tema. É uma pesquisa de cunho qualitativo, pois expõem as concepções e ideias dos principais autores: Sposito (2004), Andrade (1987), Oliveira (1989), Gonçalves (1978), e a julgar pelo objeto de pesquisa, a resposta desses sobre a problemática, são opostas uns dos outros, ou durante as leituras, alguns autores, não encontraram a resposta para essa questão.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Antes de adentrarmos ao principal assunto do trabalho, faremos algumas definições que nos ajudarão a entender os motivos da crise, iniciaremos pelo primeiro conceito referente ao conhecimento científico, ou seja, como as ciências explicam e entendem a realidade, assim também a partir de qual conceito elas elaboram o seu raciocínio que é feito com base no método que auxilia nessa função. Para então partimos ao contexto da geografia e suas implicações.

O conhecimento científico pode ser caracterizado como aquele conhecimento específico sobre determinado objeto ou disciplina, adquirido ao longo dos anos na academia ou na vida. E tratando-se das formas de conhecimento Sposito (2004), expõe os níveis de conhecimento os definindo como o senso comum, a filosofia, a ciência e a religião. Caracteriza os níveis filosóficos e o científico dos quais concerne à teoria do conhecimento.

O nível filosófico é altamente abstrato. Pode-se referir tanto a fenômenos observáveis, da realidade, como também de ideias, conceitos, teorias etc. produzidos racionalmente. O nível científico baseia-se na descrição minuciosa, na localização dos fenômenos dentro de categorias específicas conceitos e classes características, considerando-se o conhecimento já produzido anteriormente [...]. (SPOSITO, 2004, p. 75).

Ocorrem variações no que se refere à condução da produção do conhecimento diferindo da base doutrinária utilizada como, por exemplo, para as correntes positivistas e neopositivistas, para o materialismo histórico, para as correntes fenomenológicas. Para ele “a produção do conhecimento é mediada pela linguagem e por todos os elementos que a constituem”. (SPOSITO, 2004, p.76).

Inclinando o conhecimento para a concepção da geografia, segundo o mesmo autor “o conhecimento refere-se à produção intelectual dos geógrafos em suas mais diferentes investigações, na busca de realizar uma leitura da realidade objetiva”. (SPOSITO, 2004, p.15). Diferenciando-o de pensamento no qual a construção dele remete ao “trabalho epistemológico de discussão e reflexão daquilo que é acumulado pelas leituras da realidade”. (SPOSITO, 2004, p.15), ou seja, a produção de novos conhecimentos pelos geógrafos. Essa distinção entre conhecimento e pensamento serve como base para entender as teorias, as doutrinas, os conceitos e os métodos.

3.1. O método

Deve ser entendido como um “[...] instrumento intelectual e racional que possibilite a apreensão da realidade objetiva do investigador [...]”. (SPOSITO, 2004, p. 23), portanto o método não deve ser confundido como uma disciplina, mais uma ferramenta que o investigador irá utilizar para analisar o seu objeto, a fim de que as suas indagações sejam solucionadas.

Esse, pode ser considerado como uma das hipóteses, para explicar a crise paradigmática da geografia, visto que, primeiro temos a confusão entre o método e metodologia; segundo que a geografia não aceita o método como derivado da filosofia, pois muitas ciências não querem beber da filosofia para explicar o seu objeto.

Outra crise identitária vivida pelo método é que o mesmo não é visto como único diante da ciência segundo Sposito (2004). O método é abordado dentro da ciência de acordo com a tendência doutrinária que cada pesquisador carrega. Essa possibilidade de poder verificar a realidade de diferentes perspectivas pode contribuir para crise paradigmática da geografia, nesse sentido “O cuidado necessário é, antes de mais nada, saber do que estamos tratando e conhecer os componentes e as características de cada método”. (SPOSITO, 2004, p. 51).

Corroborando com essa ideia, Sposito (2004, p.23) acredita que “[...] a fusão simplificadora entre método e disciplina que foi provocando a crise paradigmática que atualmente se vive [...]”. nesse sentido, é desvincular esses dois conceitos, e explicar cada um separadamente, a fim de que essa dúvida seja sanada. Ainda segundo Sposito (2004) a questão do método não pode ser de maneira alguma abandonada dentro dessa discussão geográfica, visto aos fatores que podem influenciar nas diversas leituras da realidade ao longo de sua evolução histórica.

O desenvolvimento do conhecimento geográfico e suas formas de abordagens são diferentes do método, pois os métodos precisam ser coerentes filosoficamente. Sposito (2004, p. 25) define “a palavra método que deriva do grego, que é formada por meta (por, através de) e *hodos* (caminho)”, reconhecendo apenas três métodos que têm orientado e servido de suporte para a produção do conhecimento na ciência: hipotético-dedutivo, dialético e fenomenológico, os demais considerados como fruto da fragmentação científica. Portanto, o método a grosso modo consiste no caminho que o pesquisador irá escolher para estudar ou analisar seu objeto de estudo.

De acordo com Sposito (2004), o método é aplicado de acordo com a visão de mundo que cada cientista possui para analisar a realidade a sua volta, portanto a aplicação do método envolve tanta polêmica, pois a partir de cada visão individual, teremos conflitos na utilização do mesmo. “O método não existe com uma entidade simples e desconectada da realidade científica. Ele comporta, ao ser internalizado e utilizado pelo pesquisador, outros elementos (SPOSITO, 2004, p. 55)”.

Ainda conforme Sposito (2004), os geógrafos e demais cientistas geográficos, não tem se preocupado com a “reflexão epistemológica da geografia”, ou seja, do “como fazer ciência”, essa reflexão está relacionada com a aplicação do método e suas diferentes metodologias, gerando grande conflito de conhecimento na hora de aplicar o método adequado ao estudo, pois muitos ainda têm a confusão mental entre metodologia sendo considerado método.

3.2. Definição da Geografia como ciência

A Geografia perpassou ao longo de sua história por várias visões de estudiosos e pesquisadores até chegar a ser intitulada como ciência. Segundo (PÁDUA; CAMPOS, 2009, p.2), “ao longo dos séculos a geografia passou por grandes e importantes transformações, certamente acompanhando as mudanças ocorridas na sociedade e objetivando suprir os anseios desta ciência, ao longo dos anos”.

Segundo (CHRISTOFOLETTI, 1976 *apud* SANTOS, 1996, p. 157).

[...] no desenvolvimento das ciências, cada fase é caracterizada pelo predomínio das ciências, cada fase é caracterizada pelo predomínio de um paradigma que expressa a concepção teórica para explicar e ordenar os fatos da ciência, orientando a formulação de problemas e pesquisas. [...] Com a apresentação desses novos problemas, surge pouco a pouco a formalização de uma nova teoria para abranger e incluir esse novo setor, resolvendo os desafios que a sociedade vai oferecendo. A nova teoria substitui a antiga, reformulando a ordenação e a explicação dos fatos assim como a escala de valor.

De acordo com Pádua e Campos (2009, p. 3) “Apesar dos diversos trabalhos geográficos elaborados ao longo de séculos, somente no século XIX a geografia ganhou reconhecimento e passou a ser considerada como ciência e ser estudada nas universidades”. É somente no século XIX com as importantes transformações por que passou a educação brasileira, entre elas à criação do colégio Pedro II, em 1837, que se fala da institucionalização da disciplina Geografia (ROCHA, 1996). Corroborando com essa ideia (COSTA; ROCHA, 2010, p. 5) afirma que “Foi na Alemanha que se encontraram as condições teóricas para a organização da geografia como ciência”.

[...] somente nos meados do século XIX, na Alemanha, com A. Von Humboldt, K. Ritter e F. Ratzel, que ela passou a ter status de ciência, sendo, a partir dessa época, ensinada e praticada nas universidades. Formou-se então uma corrente de pensamento no seio da geografia que ficou conhecida como “escola alemã”, cuja característica central era o fato de ser iminentemente determinista e naturalista (CAMARGO; REIS JÚNIOR, 2007, p. 83).

Porém, antes disso contamos com os conhecimentos geográficos e sua aplicação nas sociedades pré-históricas. À medida que a sociedade se desenvolvia esses conhecimentos e aplicações iam alcançando níveis de complexidade.

Acreditamos e procuramos demonstrar que a concepção da Geografia como ciência e como ação está estreitamente ligada e depende das relações sociais, ao mesmo tempo em que o pensamento geográfico não tem forma isolada, mas se interpenetra com o pensamento das demais ciências, tanto sociais como naturais. (ANDRADE, 1987, p. 9).

Com o fortalecimento da centralização do poder, a Geografia moderna passa a servir ao Estado como instrumento da consciência nacional (GEIGER, 1988, p. 61). Segundo Andrade (1987, p. 49) A geografia moderna expunha o pensamento do século XIX, com viés positivista de Augusto Comte que se desenvolveu com “As condições culturais, econômicas e políticas do início do século propiciaram as diretrizes intelectuais e científicas que mudariam o pensamento do século XIX e levariam as ideias ao positivismo, estruturado por Augusto Comte [...]”.

Ainda segundo o autor a: “Preocupação com o controle da natureza provocou uma expansão das ciências da observação e da experimentação do domínio da razão prático, como diria Kant.” O expansionismo alavancou o desenvolvimento da ciência “patrocinando as expedições científicas” (ANDRADE, 1987, p. 50).

Com isso, “refletiu sobre a relação do homem com o meio, admitindo que o meio influencia o Homem, mas ao mesmo tempo, de acordo com o gênero de vida, que envolve

aspectos históricos, sociais e ambientais o Homem pode exercer influência / resistência ao meio”. (Andrade, 1987, p. 66). A Geografia como ciência, possibilitou-nos uma **análise mais crítica a respeito da relação entre a sociedade e a natureza e, conseqüentemente, das formas de produção do espaço geográfico.**

A fim de nortearmos a compreensão do pensamento geográfico, traçamos os caminhos percorrido por ele, seguindo uma análise periódica da geografia que estão distribuídos em quatro momentos que são: o período dos pontificadores e institucionalizadores, o período clássico, o período moderno e o período de renovação, que darão suporte ao entendimento do desenvolvimento da Geografia como ciência.

3.3. Período dos pontificadores e institucionalizadores da geografia

Nesse período os geógrafos Alexandre Von Humboldt e Karl Ritter tem grande importância no desenvolvimento da geografia moderna. Humboldt um naturalista prussiano realizou estudos das ciências naturais tendo viajado boa parte dos continentes. Já Karl Ritter um filósofo, historiador e professor em Berlim, teve formação na área das ciências humanas. Humboldt influenciou nas ideias racionalistas Francesas e do idealismo alemão, preocupava-se em estabelecer leis gerais, contudo a relação do homem com o meio ambiente. Tendo utilizando-se bastante da Cartografia, desenvolveu as isotermas, o princípio da causalidade. Os escritos desses autores recebiam influência da conjuntura em que estavam inseridas a expansão do capitalismo e a estruturação da Alemanha.

Desse modo, consolidou-se a ciência geográfica antiga hoje conhecida como determinismo de Ratzel e o possibilismo de La Blache. Friedrich Ratzel, influenciado pelo expansionismo, desenvolveu estudos nas ciências naturais. Formulando suas ideias a partir dos escritos de Darwin, considerou o homem como um produto do meio. “A obra de Ratzel, [...] teve grande influência no desenvolvimento da Geografia, salientando o papel do homem e demonstrando claramente o caráter político e social desta ciência”. (ANDRADE, 1987, p. 56).

Para Bernardes (1982, p. 9) diferentemente do determinismo o possibilismo considera os elementos do meio natural como condicionantes e não como fator: [...] são “condições que pesam ora mais ora menos poderosamente, pautando os resultados de outras forças, estas sim, originárias da ação humana”. Para ele “o homem não é um mero elemento passivo” (BERNARDES, 1982, p. 9).

Como se percebe não se trata de negar a influência do meio, que é, muitas vezes, influência poderosa, mas sim de enfatizar como os grupos humanos e o meio interagem mutuamente, produzindo uma resultante geográfica entre meio natural e meio cultural. Como lembrava em suas aulas e conferências o nosso saudoso colega Fábio M. S. Guimarães (1906-1979), uma simples frase sintetiza a ideia central dos possibilistas: "A natureza dá as cartas, o homem faz o jogo". (BERNARDES, 1982, p. 9).

Período clássico, conhecido como a etapa de consolidação e de difusão do conhecimento geográfico denominado como Geografia Tradicional. Esse período do pensamento geográfico marca o momento em que:

Os geógrafos impossibilitados de aplicar as leis físicas ao processo de produção do espaço pelo homem tenderam a abandonar a geografia humana, considerando a geografia como uma ciência apenas física, como aconteceu na Alemanha com Oscar Peschel e Fernando Richthofen, ou a procurar fazer estudos corológicos, de caracterização e explicação de paisagens e de tipos de relação entre o homem e o meio, em determinadas áreas, sem maiores preocupações com a generalização para toda a superfície da terra. (ANDRADE, 1987, p.64).

A Geografia clássica se difundiu por ser uma geografia regional com característica ideográfica, corológica e descritiva com destaque no método indutivo. Na perspectiva alemã os estudos eram voltados nas "análises da paisagem em suas características naturais" (ANDRADE, 1987, p. 64). Já para os franceses difundiram a geografia da paisagem considerada uma ciência de síntese.

Os estudos regionais provocaram uma separação entre a geografia geral ou sistemática e a geografia regional. [...] essa desintegração também contribuiu para que houvesse uma especialização maior entre os geógrafos, estabelecendo áreas de investigação separadas entre a Geografia física e biológica de um lado e a geografia humana do outro. Linhas de separação que se adensaram cada vez mais, fazendo com que se desenvolvessem como verdadeiros campos autônomos do conhecimento científico tanto capítulos da geografia física- geomorfologia, climatologia, hidrografia, como da geografia humana- geografia da população, agrária da indústria, da circulação [...]. Estas subdivisões puseram em risco a própria existência da geografia, como ciência [...] está geografia dividida compartimentada tanto na direção horizontal como na vertical, veio empobrecer epistemológica e metodologicamente a ciência geográfica (ANDRADE, 1987, p. 65).

Com isso, praticamente preocupou-se em compreender e explicar “[...] a estrutura geológica, as rochas, o solo, as influências climáticas [...]”. (ANDRADE, 1987, p. 65).

[...] sentiu então o geógrafo a necessidade de ampliar sua área de conhecimento e de ir buscar em outras ciências, a que chamou de auxiliares, os conhecimentos necessários à explicação da paisagem e a interpretação da realidade regional. Daí a acusação de enciclopedismo que recaiu sobre os geógrafos. ANDRADE, 1987, p. 65).

As ideias dividiam-se entre os geógrafos que consideravam a geografia como uma ciência natural e outros que a conceituam como uma ciência social. Em síntese, a geografia clássica fragmentou-se em escolas, Alemã, Francesa, Britânica, Soviética, Americana, etc:

[...] mesmo Vidal de La Blache, admitia que a geografia era uma ciência dos lugares e não do homem. Só posteriormente com os estudos de Pierre George e de Paul Claval, é que se generalizou a opinião de que a geografia é uma ciência social, do homem, e não uma ciência da natureza. Como ciência, humana, a geografia tem responsabilidade de analisar a própria sociedade, as relações que influem no tipo de espaço produzido e explicar a razão de ser da ação da sociedade sobre esse espaço. (ANDRADE, 1987, p. 66).

O período moderno originado no momento histórico do Pós Guerra, conhecido como o período de renovação da geografia. Em decorrência das intensas mudanças que o mundo sofria influenciou na forma de compreendê-lo e explicá-lo. Dessa maneira a geografia irá se preocupar em seus estudos com fins de explicar essas transformações que aconteciam na sociedade.

Geógrafos, que vinham trabalhando isoladamente ou no ensino universitário, teriam de se adaptar a um sistema de trabalho realizado em comum e em colaboração com outros especialistas, procurando atingir fins pragmáticos. Daí o crescimento e até o surgimento de disciplinas do conhecimento geográfico que se interpunham entre a Geografia e a Economia, a Sociologia ou Antropologia, e se passou a falar em uma Geografia Aplicada e em uma Geografia Ativa. (ANDRADE, 1987, p. 95).

A geografia clássica que se propunha em dar diagnóstico, exigia dela a partir de então a preocupação em participar dos prognósticos. Por tanto:

“[...] a geografia que se limitava a observar, a descrever e a explicar a paisagem, utilizando o “olho clínico”, não usava técnicas que a levassem a ver o que se fazia, de forma invisível, na elaboração da paisagem. Ela não poderia continuar a ser apenas ideográfica, corológica. Passaram então a intensificar as pesquisas em dados estatísticos até desprezados ou poucos utilizados a desenvolver a cartografia com elaboração de mapas temáticos, e a sentir a sedução de fazer projeções para o futuro”. (ANDRADE, 1987, p.96).

A partir desse período, do ponto de vista das correntes teórico-metodológicas podemos distingui-la em três correntes que se desenvolveram: Corrente teórico-quantitativa, a corrente da geografia do comportamento e da percepção, a corrente ecológica e corrente radical, em grande parte marxista (Geografia Crítica). Correntes essas que contribuíram para o reconhecimento e institucionalização da Geografia como ciência e disciplina a ser ministrada nas escolas e universidades.

3.4. As raízes da crise paradigmática

A história do desenvolvimento da geografia se constitui em um vasto debate quanto às suas teorias e conceitos, por isso muitos autores abordam sobre os motivos da crise que passa essa ciência, expressando suas contribuições em razão de responder a essa problemática, se enveredando por explicações no âmbito do método e ou das discussões epistemológicas.

Segundo Oliveira (1989) a geografia se ateve puramente ao debate entre possibilismo e determinismo o que refletiu e reflete em muito na geografia que é ensinada. Portanto, o debate se ateve praticamente aos limites da teoria, em que os avanços tecnológicos e as condições dominantes da época foram responsáveis pelo momento que podemos chamar de “*new geography*”, ou seja, geografia quantitativa, teórica, geografia moderna, geografia pragmática.

Essa nova análise demonstrou principalmente “ao uso de conceitos superados pelo próprio desenvolvimento do capitalismo (conceitos econômicos próprios da etapa concorrencial do capitalismo e praticamente julgados impróprios para a compreensão da etapa monopolista deste modo de produção”. Buscou também a inserção de “instrumental metodológico tecnicista que revolucionou os métodos empiristas e experimentais” (OLIVEIRA, 1989, p. 26).

O conhecimento produzido até então pelos seus principais autores, David Harvey e William Bunge fundamentada na filosofia, e no materialismo histórico buscou-se compreender e explicar as mudanças do mundo.

Já com o fortalecimento desse movimento na França com Pierre George, Lacoste, Kayser, Guglielmo, Tricart, Dresch, contribuiu para a aproximação da geografia ao materialismo histórico e dialético. Nesse momento os principais pensadores da nova geografia faziam reluzir uma geografia buscada por Reclus. A geografia defendida por Reclus não foi aceita devido a constituição política e econômica dominante da época, pois ela se posicionou

contrário a construção de uma geografia que servia como respaldo científico ao poderio estabelecido, conforme cita Cirqueira (2016, p.6):

O que não foi aceito na geografia do século XIX, não foi aceito também até meados do século XX. [...] Reclus visualizou a necessidade de a geografia intervir na organização dos sujeitos na sociedade e no meio em que vivem, pois era a ciência capaz de promover a ação direta e solavancar as forças políticas ameadadas. Assim, foi inovador e pioneiro, descortinando uma geografia retrógrada, ultrapassada e conservadora, que vivia seus dias de glória, por ser o campo científico auxiliar do expansionismo imperialista e da colonização. Reclus almejava uma revolução no pensamento geográfico às avessas daquela que estava acontecendo. A excentricidade de seu pensamento repousa no embate contra essa racionalidade científica opressora.

Para Oliveira (1989, p. 27), utilizando-se do materialismo histórico e dialético como aporte teórico e metodológico permite “[...] ultrapassar a questão na qual a geografia se envolveu desde o seu surgimento, a questão do determinismo e do possibilismo”, ou “a questão do homem e a natureza [...]”.

A adoção do materialismo histórico e dialético como corpo teórico e metodológico de investigação da realidade resgata para a geografia a teoria e o método que vence esse embate entre determinismo e possibilismo. Visto que esse dualismo não ajuda em solucionar a confusão que se expressa hoje em muitas análises geográficas, porém resumindo-se em apenas discussões entre correntes, teoria e métodos utilizados.

Já para Gonçalves (1978), a Geografia da crise, está no fato dos geógrafos, terem que dá respostas à sociedade em que vive respostas que decorrem de desequilíbrios ambientais, poluição, segregação sócio espacial, desemprego, guerras, epidemias, crise do capitalismo, entre outros assuntos que fazem parte de nosso cotidiano, tudo isso está inserido dentro do espaço geográfico em que vivemos, diante disso, a crise da Geografia, está intimamente ligada à falta de compreensão do geógrafo sobre o seu objeto de estudo, portanto, este entra em crise pelo fato de não saber dar respostas concretas a sociedade, pois o método de análise que será escolhido vai de acordo com o pesquisador e sua vivência de mundo, tudo deriva do objeto analisado e o método empregado.

Segundo Gonçalves (1978, p. 11) a crise decorre do fato da:

[...] não resposta de uma dada “visão” a uma realidade historicamente determinada e, portanto, não satisfatoriamente explicada, segundo as necessidades daqueles que controlam as instituições. A “nova visão” que

substitui a anterior somente será válida, igualmente, enquanto atender aos interesses dos que a tornaram hegemônica, garantindo para ela um lugar acadêmico e o *status* de “científica”.

Para esse autor, a ciência adquire junto ao capitalismo um novo sentido, não apenas de desvendar segredos ou mistérios, mais também vira uma mercadoria, que passa a ser manipulada para privilegiar os interesses da classe dominante. Nesse sentido a Geografia, deixa de responder as indagações que a sociedade anseia por saber, para mostrar apenas as respostas que a classe dominante quer que a grande massa saiba, portanto Gonçalves (1978, p. 9), afirma:

A partir da crescente concentração dos meios de produção do conhecimento nas mãos de algumas poucas corporações e do Estado, a tendência que observamos se faz no sentido da monopolização do saber. Não é fortuito que a tecnocracia se afirme cada vez mais e uma nova ideologia se consolide: o cientificismo. Isto porque sendo a acumulação de capital, baseada na extração de mais – valia o motor propulsor do modo capitalista de produção, tem este a necessidade de estar munido dos conhecimentos que lhe permitam uma forma superior de extrair valor excedente, qual seja a mais – valia relativa.

Diante de todos esses fatos, Yves Lacoste, em sua obra *A Geografia serve em primeiro lugar para fazer a guerra*, já nos explicitou a finalidade da Geografia, onde ela surge para auxiliar o Estado, na consolidação dos seus domínios hegemônicos, e a revelar os recursos naturais a serem explorados, povos a serem conquistados, e o tipo de tecnologia irá desenvolver para explorar determinada região ainda não conhecida.

Nesse sentido a Geografia, já nasce em crise, tanto do seu objeto de estudo, quanto a sua finalidade, a quem irá servir a sociedade ou a classe dominante.

Já Sposito, (2004, p. 121) defende que se trata de “[...] uma crise filosófica na produção do conhecimento pela qual se buscam novas referências para a sua própria compreensão”. Demonstra abordagem semelhante à de Gonçalves ao reconhecer que a produção do conhecimento atualmente está vinculada a atingir um objetivo prático e:

[...] que transcende a reflexão epistemológica do conhecimento. Essa transcendência pode emergir, por um lado, como uma cortina mistificadora, de um conhecimento que não se compreende e que não pode ser decomposto nem explicado nas escolas e nos grupos de investigação, e, por outro, como um ente superior que aponta suas necessidades e sujeita o ser humano a produzir, cada vez mais, o conhecimento para as finalidades externas à humanidade, ou seja, aquelas voltadas para interesses particulares. (SPOSITO, 2004, pág.122).

Além disso, tem como enfoque o estudo dos conceitos de modernidade e globalização muito debatidos por geógrafos e também por outros cientistas que mantêm diálogos que

apresentam pontos de vista diferentes como, por exemplo, o conceito de modernidade encontra limitação em sua especificação temporal e espacial, esclarece que “[...] é só estabelecer alguns parâmetros para a discussão do pensamento geográfico e depararmos com o seu aspecto contraditório em seguida”. (SPOSITO, 2004, p.134).

Diante dessa afirmação, compreendemos que as raízes das crises paradigmáticas estão envoltas por diversas vertentes de pensadores que nortearão os estudos do discurso geográfico para a formação de um novo diálogo.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As exposições apresentadas acerca das questões que permeiam o pensamento geográfico têm em vista a reflexão sobre o assunto em meio acadêmico. Visto que durante a vida acadêmica vivenciamos questões que causavam interrogações e necessidade de compressão sobre o desenvolvimento da geografia, e como ela diferia a cada fase histórica, em referência ao conhecimento científico e os meios que o mesmo busca para distinguir o raciocínio, a questão e uso do método pelas ciências e entender a sua finalidade diante de uma proposição da realidade dentre outros assuntos.

Além das afirmativas a respeito da crise e problemas que perpassa essa ciência difundida de um modo geral, atentamos principalmente em expor alguns esclarecimentos que explicassem o motivo da crise vivenciada pela geografia. Entendemos que sempre irão dispor de entendimentos e ideias diversas quando o assunto se referir ao conhecimento geográfico dado a sua dinâmica.

Portanto, este trabalho buscou chegar à compreensão dos motivos que permearam a crise paradigmática da Geografia, tentando explicar as causas e os principais problemas que se evidenciaram através dos apontamentos e contribuições para seu percurso, a fim de entender as várias mudanças paradigmáticas na ciência geográfica ao longo de sua história. Contribuindo para a ampliação do debate e de reflexões dessas proposições, pois elas possuem uma grande necessidade de serem colocadas no meio acadêmico. visto que há grande complexidade na constituição de uma ciência preocupada em atender aos anseios da sociedade moderna.

5. REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia. **Geografia Ciências da Sociedade**. São Paulo: Atlas, 1987.
- BERNARDES, Nilo. O pensamento geográfico tradicional. **Revista brasileira de geografia**. Rio de Janeiro: IBGE - Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. n. 44(3), p.391-413, 1982.
- CAMARGO, José Carlos Godoy; REIS JÚNIOR, Dante Flávio da Costa. A filosofia (neo) positivista e a Geografia Quantitativa. In: VITTE, Antonio Carlos (org.) **Contribuições à História e à Epistemologia da Geografia**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- CIRQUEIRA, José Vandério. Élisée Reclus e a excentricidade de sua geografia anarquista. **Terra Brasilis** (Nova Série) 7 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/terrabrasilis/1787>>. Acesso em 03 fev. 2020.
- COSTA, Fábio Rodrigues da; ROCHA, Márcio Mendes. Geografia: Conceitos e Paradigmas - Apontamentos Preliminares. **Rev. GEOMAE**. Campo Mourão, PR v.1n. 2 p.25 - 56 2ºSem 2010 ISSN 2178-3306.
- GEIGER, Pedro P. Industrialização e urbanização no Brasil. Conhecimento e atuação da Geografia. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro, nº 50, 1.2, p. 59-84. 1988.
- GONÇALVES, Carlos Walter Porto. A geografia está em crise viva à geografia. **Boletim Paulista de Geografia**, Fortaleza, n. 55, pág. 5-29, nov., 1978. Disponível em: <file:///E:/artigo%20silvio/a%20geografia%20esta%20em%20crise%20viva%20a%20geografi apdf>. Acesso em 03 fev. 2020.
- OLIVEIRA, Ariovaldo. U. de, *et al.* **Para onde vai o ensino de geografia**. 1989. Disponível em: < <http://geografiaacademicaownload.blogspot.com/2014/01/livros-academicos-por-autor.html> >. Acesso em 03 fev. 2020.
- PÁDUA, Leticia Carolina Teixeira, CAMPOS, Ellen Del Biondo. A evolução do Pensamento Geográfico nos livros didáticos. 2009
- ROCHA, Genylton Odilon Rego da. **A trajetória da disciplina Geografia no currículo escolar brasileiro (1839 – 1942)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - FE – PUC. São Paulo: PUC, 1996.
- SANTOS, Milton. **Por uma Geografia Nova: Da Crítica da Geografia a uma Geografia Crítica**. 4 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e Filosofia: contribuições para o ensino do pensamento geográfico**. São Paulo: UNESP, 2004.